MUSEU AFRO- BRASILEIRO: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

LENILDA DA SILVA

RESUMO

Da ideia mais simples de 'coleção' às suas mais diversas e abrangentes funções, o museu hoje é, além de um espaço de preservação da memória, um lugar. O objetivo do artigo é abordar as ações educativas no museu que possibilita os visitantes desenvolvam habilidades para analisar a história partir dos objetos em seus aspectos materiais e simbólicos. Os conceitos utilizados abordam não somente os alunos do ensino fundamental, mas também outros públicos, tendo em vista que os museus são visitados por famílias, estudantes em vários níveis – da educação infantil, básica e superior, grupos com necessidades especiais entre outros, o museu deve planejar ações a partir das especificidades de cada público visitante. As ações educativas do museu afro Brasil voltadas os estudantes do ensino fundamental são compostos por agendamento realizada pela escola. O trabalho propõe apresentar o quanto o espaço museológico proporciona uma aprendizagem significativa da história da arte brasileira por meio dos objetos de arte/documento histórico.

Palavras-chave: ação-educativa; aprendizagem; história; documento.

ABSTRACT

From the simplest idea of 'collection' to its most diverse and comprehensive functions, the museum today is, in addition to a space for preserving memory, a place. The objective of the article is to address educational actions in the museum that enable visitors to develop skills to analyze history based on objects in their material and symbolic aspects. The concepts used address not only elementary school students, but also other audiences, considering that museums are visited by families, students at various levels – early childhood, basic and higher education, groups with special needs, among others, the museum must plan actions based on the specificities of each visiting public. The educational actions of the Afro Brasil Museum aimed at elementary school students are made up of scheduling carried out by the school. The work proposes to present how the museum space provides significant learning about the history of Brazilian art through art objects/historical documents.

Key words: educational action; learning; history; document.

INTRODUÇÃO

A concepção de formação artística que permeia este trabalho não se identifica com uma formação segmentada em vivências que se consomem no tempo de sua realização, em cursos e aulas extras que desenvolvem linguagens específicas. Tampouco se vincula à prática de atividades que possam complementar o tempo de "ofício" da criança moderna (Sarmento, 2001, p.19), que não tem com quem refletir e narrar sua experiência, que acaba por se esvaziar e findar numa vivência empobrecida.

Há uma profunda transformação na relação dos museus de arte e centros culturais com as escolas. As visitas passaram a ser incluídas nos planejamentos escolares para o ano letivo, tanto aos acervos permanentes quanto aos temporários, fortemente divulgados pela mídia. A partir dessa demanda os museus começaram a organizar departamentos educativos para mediar a sua relação com as escolas.

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados obtidos do estudo sobre a importância do museu Afro Brasil como estratégias pedagógicas para alunos do ensino fundamental tendo como base questões para reflexão em sala de aula.

O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido a partir de um breve histórico da arte educação no Brasil abordando também a ressignificação da história afro brasileira e de pesquisas bibliográficas disponíveis. A abordagem baseou-se também na visitação ao museu, na qual a pesquisa a campo se fez necessária para o enriquecimento do estudo.

Ele está dividido em contextualização do trabalho desenvolvido com as propostas pedagógicas e leis mais recentes no que se refere proposta de disseminação da cultura afro no contexto, caracterização do espaço museológico onde realizou-se a pesquisa e, por fim apresentação dos resultados obtidos e as considerações finais destacando a importância desta pesquisa para os seus participantes e para a cultura afro-brasileira na educação básica, de forma geral.

O tema justifica-se, pois, ampliará a compreensão da importância ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil através do museu Afro Brasil. Considero que em 2003 foi promulgada a lei nº 10.639 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), passando-se a exigir que as escolas brasileiras de ensino fundamental e médio incluam no currículo o ensino da história e cultura afro-brasileira. Essa foi uma mudança essencial para que as pessoas tivessem mais reconhecimento sobre

a origem da cultura afro- brasileira. Coloca-nos diante de outra questão: "Quais caminhos devemos tomar para atingir em nossos alunos as reflexões desejadas por meio de uma aprendizagem significativa?" Diante dessa questão, a pesquisa contribuirá para conscientização e valorização da cultura afro-brasileira como estratégia pedagógica na busca do desenvolvimento do educando.

Através de seus documentos raros, máquinas, jornais, pinturas, esculturas, desenhos, móveis, instrumentos, sua arquitetura, por seu acervo, o museu tem sido reflexo do desenvolvimento processado por nossa sociedade. Este espaço nos faz perceber o quanto somos fadados ao conhecimento e seus desdobramentos. Quando visitamos um museu depreendemos o quão pequenos somos, e entendemos a valência dos rendimentos de nossas transformações culturais. Identificando nossa história por meio de objetos e imagens, fazendo com que criemos bens para reflexão sobre o passado, a atualidade e o futuro.

A questão que moveu esta pesquisa foi indagar sobre de que forma é possível proporcionar uma aprendizagem significava usando o espaço do museu para levar os alunos a compreender a grande importância e contribuição da cultura africana para as artes brasileiras. É precisamente a partir das ideias expostas que este artigo tem por objetivo traçar algumas considerações sobre a ação dos museus Afro para com a escola. O assunto é bastante atual, pois não se nega a ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

Fez-se necessário esta abordagem para a nossa formação e dessa forma estaremos contribuindo para a formação integrada do aluno. Ao serem despertados para o gosto e o prazer do aprender, os discentes tornam-se adultos leitores, críticos e inseridos no contexto social.

BREVE HISTÓRIA DA ARTE-EDUCAÇÃO

Dentre as diversas mudanças ocorridas na educação devido a implantação de políticas educacionais, destacamos neste trabalho, especificamente, as transformações ocorridas dentro do currículo da disciplina de arte. Para abordar tal assunto, pontuaremos as questões relacionadas ao ensino de arte si, desde sua inserção no currículo básico pela LDB 5692/71, passando pela contraposição entre educação artística e arte-educação.

Além disso, por ser a atual expectativa para o ensino de arte, apontaremos a relação entre arte-educação e o desenvolvimento da Proposta Triangular para o ensino de arte. A arte vem sendo nos últimos anos vista como uma prática pedagógica que deve ser explorada nas salas de aula. Sendo um elemento cultural, a disciplina é sem dúvida um instrumento de produção de conhecimento, aprimoramento e imaginação. Mas a história a arte-educação mostra que nem sempre foi assim. A disciplina de arte tem sido uma matéria obrigatória em escolas primarias e secundarias (1º e 2º grau) no Brasil há mais de 50 anos. Isto não foi uma conquista de arte-educadores brasileiros, mas uma criação ideológica de educadores norte-americanos que, sob um acordo oficial (acordo MEC-USAID), reformulou e educação brasileira, estabelecendo em 1971 os objetivos e o currículo configurado na Lei Federal nº 5.5692 de Diretrizes e Bases da educação. Esta lei estabeleceu uma educação tecnológica orientada que começou a profissionalizar a criança na sétima série (oitavo ano), sendo e escola secundaria completamente profissionalizante. Esta foi uma maneira de proporcionar mão-de-obra barata para as companhias multinacionais que adquiriram grande poder econômico no país sob o regime da ditadura militar em 1964 a 1983 (ALVES, 1968:60).

A lei federal que tornou obrigatório a disciplina de artes nas escolas, entre tanto, não pode assimilar como professores de artes ou artistas que tinham sido preparados pelas "Escolinhas", a partir da quinta serie exigia-se o grau universitário, que a maioria deles não tinha.

O governo federal decidiu criar um novo curso universitário para preparar professores para a d disciplina educação artística criada pela nova lei. Os cursos de licenciatura em educação artística nas universidades foram criados em 1973 compreendendo um currículo básico a ser aplicado em todo o país. O currículo de licenciatura em educação artística na universidade pretende preparar um professor de arte em apenas dois anos, que seja capaz de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da primeira á antiga oitava série (hoje nono ano), e em alguns casos, até o 2º grau do ensino médio.

Para BARBOSA (1994, p.10) é um absurdo epistemológico ter a intenção de transformar um jovem estudante, com um curso de apenas dois anos, em um professor de tantas linguagens artísticas.

Hoje centenas de cursos de licenciatura em educação artística nas faculdades e universidades no Brasil estão outorgando diplomas à arte-educadores. Mas muitas se recusam a oferecer o curso de dois anos e optam por um curso de quatro anos, o que é legalmente possível através de regulamentação do Ministério da Educação, seguindo, entretanto, um currículo mínimo obrigatório que não é adequado para preparar professores capazes de definir seus objetivos e estabelecerem suas metodologias.

A falta de correspondência entre os objetivos e a prática real na sala de aula é provada pela análise conjunta das suas pesquisas juntas. Objetivos são simplesmente palavras escritas nos programas ou estatutos que não tem sido posto em prática. Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geométrico, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnica e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 a 1973 (SIQUEIRA, 1987).

Mas o que podemos perceber diante do levantamento de dados para essa pesquisa em artigos e as referências bibliográfica até o momento é que a visão do arte-educador em geral é a mesma: o profissional formado em arte educação mencionam o desenvolvimento da criatividade como principal objetivo de seu ensino. A identificação da criatividade com espontaneidade não é surpreendente porque é uma compreensão de senso comum. Veremos agora como o docente de História pode enriquecer ainda mais a bagagem do educando utilizando o espaço museológico como prática pedagógica.

APRENDIZAGEM DA ARTE FORA DA ESCOLA

Fróis (2011) considera que nos dias atuais os museus vêm passando por mudanças, que afetam os processos de visitas, acessos e conhecimento das obras de arte. Talvez seja uma forma de atingir públicos antes "inatingíveis", que até então, nunca tiveram contato com a arte ou condições de frequentarem esses lugares. Através de ferramentas virtuais como a internet, ver coleções de arte de alguns dos principais museus do mundo se tornou mais acessível nos dias atuais. Para esse teórico, essas transformações permitem as pessoas a ampliarem o entendimento do papel desses lugares na contemporaneidade

Ações educativas tomaram lugar relevante nos museus em geral. Existem inúmeras teorias, metodologias e publicações específicas sobre o assunto, e praticamente todos os livros dirigidos ao professor de arte destacam a importância da visitação a museus e galerias, salientando a visita ao museu e as atividades lá realizadas. Importante mencionar que a iniciativa de uma colaboração entre museus e escolas é bastante precária se olharmos pela perspectiva de quantidade.

Isto é facilmente verificado se considerarmos a relação proporcional entre a população escolar que visita museus por ação das parcerias e a vida escolar como um todo. Havendo consciência das indiscutíveis dificuldades existentes, torna-se necessário transpor para o ambiente escolar alguns princípios e experiências educativas dos museus de arte. Dentre algumas iniciativas já realizadas, cito as de elaboração de bancos de imagens fixas, de criação de coleções de objetos culturalmente representativos, de exposições itinerantes destinadas para à circulação em ambientes escolares, de presença ocasional de artistas na escola, e de programas de Artista Residente comuns em alguns países. O que se aponta nas experiências relatadas, é a oportunidade de aproximação entre a escola e, portanto, o processo de ensino/aprendizagem, e a pluralidades de linguagens, técnicas, materiais e documentos próprios da arte, estendendo o conhecimento e a compreensão sobre história e o fazer artístico.

Contudo, para que o trabalho na escola seja realmente significativo e promova aprendizagem em arte com base nas abordagens para a educação em museus, é obrigatório que o professor tenha anteriormente vivenciado situações semelhantes em museus; é fundamental que o professor seja constante frequentador como público e como mediador em visitas. Não há um passo-á-passo que mostra os procedimentos, conceitos e métodos que possam ser adaptados para o contexto escolar. A experiência vivenciada é determinante neste caso. A primeira diferença fundamental em que o professor se depara na escola é a condição de trabalhar não com a obra original, mas sim com a imagem de reprodução, o que altera consideravelmente a recepção por parte do aluno. Outras igualmente notórias são: o ambiente em si, que não favorece o clima existente no museu, as dificuldades de ordem prática de segurança e disponibilidade de tempo, e a ausência de curadoria demarcada, que por sua vez, possibilita ao professor fazer a mediação das obras com seus alunos. Nas palavras de Marandino (2001),

A respeito da organização dos espaços, essas instituições guardam diferenças significativas que marcam intenções discursivas e materializam sistema de valores (ordem, disciplina e vigilância), marcos na aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia com diferentes símbolos estéticos, culturais e ideológicos.

Em relação à perspectiva temporal, a estruturação de cada uma delas se dá de modo diferenciado: o tempo escolar marcado pelos relógios, horários e calendários imprime uma cultura temporal de longo prazo, sequencial e contínua, enquanto no museu o tempo é breve e fragmentado, quase que restrito ao tempo de uma visita. Uma visita pode se constituir como única vivência singular daquele sujeito naquele de espaço cultural.

Já a dimensão pedagógica talvez seja, dentre os elementos estruturado-

res destas instituições, a que tenha sofrido as transformações mais significativas nas últimas décadas. No campo escolar, diferentes teorias têm orientado novas práticas pedagógicas, apontando para o estabelecimento de novas relações entre professores e alunos e entre os educadores de museu e seus públicos, relações essas pautadas nos princípios da dialogia, da interação e interatividade, elaborando novas configurações no espaço do museu. Por outro lado, essas instituições compartilham o foco no papel ativo do indivíduo na construção de seu aprendizado e na concepção da aprendizagem como um processo interativo entre o sujeito e o ambiente.

Compreender o museu como ambiente de aprendizagem sensível, significa estar aberto à fruição estética. Para Meneses (2003), "os sentidos são pontes que permitem ao sujeito comunicar-se com o universo". Para esse autor, museu não é o lugar da palavra escrita, ela já tem seus suportes, mas o lugar da transformação da percepção e os educadores precisam explorar o que define a personalidade do museu.

A visita ao museu pela escola pode ser compreendida como uma vivência que institui uma prática educativa híbrida. Ao aproximar elementos dos dois contextos educativos – museus e escolas ela encerra as potencialidades que cada um deles. O conjunto de análise desenvolvido no percurso dessa investigação permitiu destacar vários entre lugares no hibridismo que constitui a visita das escolas aos museus.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO MUSEU AFRO BRASIL

Inaugurado em 2004, a partir da coleção particular do Diretor Curador Emanoel Araújo, o Museu Afro Brasil construiu, ao longo de 10 anos, uma trajetória de contribuições decisivas para a valorização do universo cultural brasileiro ao revelar a inventividade e ousadia de artistas brasileiros e internacionais, desde o século XVIII até a contemporaneidade.

Desde 2009, o Museu Afro Brasil, é uma instituição pública, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, que administrado pela Associação Museu Afro Brasil – Organização Social de Cultura, é subordinado ao Governo do Estado de São Paulo.

O Museu Afro Brasil é, portanto, um museu histórico que fala das origens, mas atento identificar na ancestralidade a dinâmica de uma cultura que se renova mesmo na exclusão. Um centro de referência da memória negra, que reverencia a tradição que os mais velhos souberam guardar, mas faz reconhecer os heróis anônimos de grandes e pequenos combates, e os negros ilustres na esfera das ciências, letras e artes, no campo erudito ou popular. Um museu que expõe com rigor e poesia ritos e costumes que traduzem outras visões de mundo e da história, festas que evidenciam o encontro e a fusão de culturas luso-afro-ameríndias para formar a cultura mestiça do Novo Mundo, mas que também registra as inovações da cultura negra contemporânea na diáspora. Um museu de arte, passada e presente, que reconhece o valor da recriação popular da tradição, mas reafirma o talento negro erudito, nas artes plásticas e nas artes cênicas, na música como na dança. Sobretudo, o Museu Afro Brasil é um museu contemporâneo, em que o negro de hoje pode se reconhecer. Um museu que integra os anseios do negro jovem e pobre ao seu programa museológico, contribuindo para sua formação educacional e artística, mas também para a formação intelectual e moral de negros e brancos, cidadãos brasileiros, em benefício das gerações que virão. Um museu capaz de colaborar na construção de um país mais justo e democrático, igualitário do ponto de vista social, aberto à pluralidade e ao reconhecimento da diversidade no plano cultural, mas também capaz de reatar os laços com a diáspora negra, promovendo trocas entre a tradição, a herança local e a inovação global.

A escola é um espaço que oportuniza os/as alunos/as a conviverem com outras crianças de mesma faixa etária e é um ambiente propício para que ocorra o aprendizado. Esse, segundo as Diretrizes Curriculares de Curitiba, deve preconizar o seu desenvolvimento em todas as dimensões do ser humano. Nesse universo escolar a diversidade, a diferença e a desigualdade se fazem presentes também nas questões étnicas e culturais.

Na colaboração entre a área da educação e do museu foram observados um aumento de contatos entre estes, especialmente os que envolveram um maior número das sessões, ao longo de um período de tempo. Houve um aumento da participação do número de escolas secundárias e os museus tiveram um papel válido no desenvolvimento do currículo escolar. Foi realizada uma apreciação positiva por parte dos professores sobre a aprendizagem e os métodos utilizados nos museus; estes revelaram o valor positivo dos museus para a sua própria aprendizagem e desenvolvimento profissional; a grande maioria dos professores (96%) ficaram satisfeitos ou muito satisfeitos com a sua experiência museológica (Hooper Greenhill 2007, 22-26).

O respeito pela diversidade deve ser trabalhado em todas as áreas do conhecimento, sendo uma das formas de efetivamente incluir a diversidade no currículo acadêmico e explorando a cultura afro-brasileira devido a suas inúmeras possibilida-

des de enfoque.

No Brasil, nos últimos anos, a preocupação de educadores e legisladores em mencionar a dança em seus trabalhos e projetos têm sido evidentes. É nessa perspectiva da diversidade e da multiplicidade de propostas e ações que caracterizam o mundo contemporâneo que seria interessante lançarmos um olhar mais crítico sobre a dança na escola.

AÇÕES EDUCATIVAS

A trajetória de formação dos espaços do museu pode ser resumida através da transformação de acervos particulares em coleções públicas. Historicamente, como vimos, o foco de atuação dos museus passou por imensas transformações, nas quais os olhares e as práticas dos profissionais dessas instituições foram se transferindo, paulatinamente, do cuidado exclusivo com as coleções para a atenção dos alunos.

Segundo Denise Grinspum (2001, p.2), desde que o museu se tornou público no século XVIII é a sua função social que tem sido motivado para justificar a sua experiência. Atualmente, o compromisso sócio-político dos museus é, antes de tudo, educacional e sua nova definição aponta para "instituição de serviços e dedicação, em termo que inclui exploração, s tudo. Observação de serviço e educação, um termo que inclui exploração estudo, observação, pensamento crítico, contemplação e dialogo".

A partir dessas perspectivas, em que o paradigma de atuação dos museus e seus "conceitos –chaves" giram em torno da importância assumida pelo público e das ações de comunicação/educação dentro das instituições, os museus buscam estruturar de forma mais satisfatória suas ações educativas.

O museu afro-Brasil vem ao longo dos anos promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiros, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional. As ações-educativas no museu possibilitam que os visitantes desenvolvam habilidades para analisar a história partir dos objetos em seus aspectos materiais e simbólicos. Com isso, o museu se tornou referência em São Paulo, por unindo História, Memória, Arte e Contemporaneidade voltadas, prioritariamente, à cultura brasileira, africana e afro-brasileira.

Apesar de parecer obvio, é fundamental que as ações educativas sejam planejadas para um público alvo. Tendo em vista que os museus são visitados por famílias, estudantes em vários níveis – da educação infantil, básica e superior -, grupos de convivência, grupos com necessidades especiais entre outros, os museus devem planejar ações a partir das especificidades de cada público visitante.

A ações educativas voltadas os estudantes do ensino fundamental é composto por agendamento realizada pela propicia escola. Por existir um contato prévio da escola e o museu, é possível conhecer os objetivos da visita, bem como as especificações do grupo. Portanto, as ações devem ser estruturadas em diálogos como as expectativas e motivações para a visita. Dessa forma, proporcionado uma aprendizagem significativa da história da arte brasileira por meio dos objetos de arte/documento histórico.

Conforme aponta Köptcke (2001/2002, p. 17) no Brasil as visitas escolares representam 50% a 90% das visitas aos museus, esses números indicam o quanto esse público é expressivo. Em função disso e para atingir o objetivo das atividades dos museus, isto é, adquirir, preservar, documentar, pesquisar e comunicar para fins de educação e lazer, interessa que museus e escola estabeleçam uma parceria educativa, partilhando do poder e da responsabilidade de formar e educar.

Barbosa (1996) apresenta uma pesquisa em que nos identificamos muito, pois dá um embasamento importante para o presente estudo. O conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da codificação e da informação. Sabemos que arte na escola não em como objetivo formar artistas, como a matemática não tem como objetivo formar matemáticos, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fluidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.

Para entender com mais clareza a alta capacidade de entendimento precisamos voltar à infância e entender o processo de desenvolvimento da criatividade que ocorre nas crianças. Os desenhos infantis apresentam o processo de expressão pessoal da criança, pois é o primeiro registro concreto da manifestação artística. Nele contem a própria essência da infância, pois expressam pensamentos e emoções únicos. A criança o desenvolve por puro prazer, pois é feito de maneira inconsciente, sem a preocupação do que as pessoas irão pensar a respeito de sua reprodução. Ela não é limitada pelas barreiras exteriores que nos são impostas, as cobranças da família ou da sociedade (MACHADO, 2005).

A forma de mediação realizada com por meio da ação educativa dos museus afro-Brasil se propõem desafiadora,

instigante e problematizadora, afastando-se o princípio da transmissão de conhecimento. Deve alinhar-se a pedagogia crítica e buscar dialogo como forma de aprendizagem, enfatizando o papel ativo da cultura africana na construção da cultura brasileira, pois são inegáveis que estão por toda parte, em todos os aspectos como: música, dança, culinária, língua, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este breve estudo com teorias que tratam das práticas pedagógicas da educação no espaço do museu Afro-Brasil, chaga-se a conclusão de que para uma aprendizagem significativa a mediação do educador é de extrema importância e se faz ainda mais necessária no espaço em que objetos/documentos são reflexos de uma época em a história do Brasil estava sendo escrita. Essa aprendizagem não se limita apenas em quatro paredes de uma sala de aula ou nas páginas de uma apostila, mas partir de uma ação que em escola e museu são parceiros.

Quando um grupo de estudantes visita uma instituição museológica e é proposta uma ação educativa, a ideia principal não é "ensinar", mas fazer com que as informações sejam passadas de forma simples, lúdica, que cada aluno aprenda se divertindo. A mesma coisa deve acontecer com os professores: antes da visita à instituição, viabilizar a relação das atividades propostas com a escola, tornando o museu instrumento de troca dialógica de conhecimento, de reflexão crítica da história e ação prática, de forma que, aluno e professor construam, individualmente e em grupo, sua relação com aquilo que está dialogando, que temas são de interesse para um melhor aprendizado adquirindo assim uma maior comunicação entre visitantes e a instituição.

Nos espaços do museu, ao invés das carteiras e mesas da sala de aula, apresenta-se o cenário da exposição.

Fica evidente através deste artigo a ação educativa é uma forma de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeitos e valorização pelo patrocínio cultural. Após a visitação monitorada, os estudantes enriquecem sua bagagem de conhecimento sobre seu país e sobre conhecimento e preservação do patrimônio brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica. São Paulo: Loyola, 1994.

ALVES, J. M. & Porfírio, M. Escolas Profissionais. Dinâmicas, Memórias e Projetos das Escolas Profissionais. (1968) Porto: Ministério da Educação/Departamento do Ensino Secundário, p. 60.

ARAUJO, Emanoel. Museu Afro Brasil - Um Conceito em Perspectiva. 2018.Disponível em: http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/um-conceito-em-perspectiva - Acesso em 15/01/2024.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, p.10, 2004..

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série - Artes. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 6.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série – Artes. 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf Acesso em 15/01/2024.

CABRAL, Magaly. Comunicação, educação e patrimônio cultural. Texto apresentado no Fórum Estadual de Museus do RS. Inédito. Rio Grande, 2002.

CARVALHO, Leandro. Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. 2017.Disponível em: https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm - Acesso em: 15/01/2024.

FRÓIS, João Pedro. As ideias nascem do real: ensaio sobre museus de arte. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 263-270, 2011.

GRINSPUM, Denise. Circular os métodos é nossa missão. Boletim Arte na Escola, Porto Alegre, n. 3, p. 2, 2001.

IAVELBERG, R. Para gostar de aprender arte, sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

JOHANN, Maria Regina. Arte e educação: perspectivas ético-estéticas. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anped, 2015. p. 1-16.

KÖPTCKE, L. S. Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal. In: Cadernos do Museu da Vida: o formal e o não formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Museu de astronomia e Ciências Afins, p. 16 - 25, 2001/2002.

MOURÃO, Luciana; IAVELBERG, Rosa. Ensino de Arte. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2006

PAULINO, H. ; Exposição Coletiva. Carta Fundamental, 2012, p. 35.

ROITMAN, Isaac. A importância das artes na educação. 2011. Disponível em: http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/educacao-na-midia/17059/opiniao-a-importancia-das-artes-na-educacao - Acesso em 06/08/2021.

SIQUEIRA, Idméia Prospero. Arte-Educação: vivência, experimentação ou livro didático? São Paulo: Edições Loyola, 1987.

VIGOTSKI, L.S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.